

ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES NA GRAMÁTICA FUNCIONAL DO DISCURSO: UMA REVISÃO NO TRATAMENTO DOS PROCESSOS DE SUBORDINAÇÃO

Taísa Peres de Oliveira

Universidade Estadual Paulista (UNESP)/CNPq

taisaoliveira@yahoo.com

Abstract: *This paper proposes to incorporate Halliday (1988)'s view to the Functional Discourse Grammar, in order to achieve a better understanding of clauses combining,*

Key-words: *clause combining; discourse, functionalism.*

Resumo: *Este artigo avalia os processos de articulação de orações, propondo a incorporação da visão de Halliday (1988) à proposta da Gramática Funcional do Discurso.*

Palavras-chave: *articulação de orações, discurso, funcionalismo.*

Considerações iniciais

O objetivo principal deste estudo é discutir o processo de relação entre orações tal como apresentado na Gramática Funcional (Dik, 1997) e em sua recente versão, Gramática Funcional do Discurso (Hengeveld, 2004; 2005 e Hengeveld e Mackenzie, no prelo), para a qual um mesmo processo de articulação dá origem a todos os tipos de orações subordinadas. Nessa discussão pretendemos mostrar, considerando Halliday (1985), que não apenas as relações que originam as diferentes orações subordinadas não podem ser vistas como sendo de um mesmo tipo, mas também que as diferenças aí implicadas resultará na análise dos diversos tipos de orações subordinadas em diferentes níveis da GFD.

Para tanto, primeiramente apresentaremos um breve esboço dos fundamentos da teoria da Gramática Funcional do Discurso (doravante GFD). Em seguida discutiremos a articulação de orações na GFD e a proposta de Halliday (1985), levando em conta os aspectos mais relevantes para nosso estudo. Então apresentaremos nossa proposta de tratamento da subordinação na GFD.

1. A Gramática Funcional do Discurso

A GFD se caracteriza como uma gramática de organização das línguas naturais, que busca explicar os fenômenos lingüísticos na língua efetivamente realizada. Em outras palavras, a GFD procura explicar as regras e os princípios subjacentes à

construção das estruturas lingüísticas em termos de sua funcionalidade, considerando o modo como essas estruturas são usadas em eventos reais de interação.

O modelo de análise da GFD tem como ponto de partida uma unidade comunicativa e distingue quatro níveis de análise lingüística: o interpessoal; o representacional, o estrutural e o fonológico.

O nível interpessoal trata dos aspectos formais de uma expressão lingüística no que diz respeito a seu papel na interação entre os participantes do evento de fala. Parte-se, portanto, do pressuposto de que em uma dada situação comunicativa, cada participante tem um propósito particular e faz uso de estratégias para alcançar seus objetivos.

O nível representacional diz respeito aos aspectos semânticos de uma estrutura lingüística. Hengeveld e Mackenzie (no prelo) afirmam que uma vez que, no nível representacional, as unidades se caracterizam pelo fato de que elas denotam, a diferença entre as unidades desse nível pode ser feita em termos da categoria denotada.

O nível estrutural é organizado em esquemas morfossintáticos relevantes para a codificação morfossintática da expressão lingüística. É no nível estrutural que se inicia a linearização dos constituintes, com a distribuição dos argumentos em suas posições e a atribuição das funções de sujeito e objeto. Além disso, questões como concordância verbal e nominal também são codificadas nesse nível.

No nível fonológico, antes da articulação da expressão lingüística no componente de saída, as representações do nível pragmático, semântico e estrutural são convertidas em representações fonológicas.

2. Articulação de orações na GF(D)

Na GF(D) as orações subordinadas são concebidas como orações **encaixadas**, isto é, orações inseridas na posição de argumentos ou modificadores (satélites, na Gramática Funcional).

As orações que atuam como argumentos contêm informações que são, segundo Dik (1997), essenciais à cláusula na mesma proporção em que o argumento é essencial para estabelecer um estado-de-coisas. Nos exemplos abaixo, as construções em destaque ocupam, respectivamente, as posições de primeiro e segundo argumentos.

- (1) **É necessário** que ele venha.
- (2) Todos acreditam que **João ganhou a corrida**.

Já na posição de modificadores, as orações encaixadas podem atuar na camada da predicação, que designa em estado-de-coisas, na camada da proposição ou ainda, na camada dos atos de fala. Quando ocupam a posição de modificador de predicação, as construções encaixadas especificam, com relação a tempo, espaço e circunstância, um estado-de-coisas. Já quando em posição de modificador de proposição, as orações encaixadas especificam a atitude do falante em relação à proposição. Na camada dos atos de fala, a oração encaixada modifica um ato de fala. As orações abaixo são exemplos desses tipos de modificadores.

- (3) **Quando eu cheguei** João saiu.
- (4) **Se chover** ele não vai sair.
- (5) **Se você me permite** acho essa roupa inadequada.

Do modo como apresentado pela Gramática Funcional (do Discurso), o mesmo tipo de relação liga tanto orações adverbiais como orações substantivas, sendo que a diferença entre elas se deve à posição que irão ocupar na oração matriz.

Observe que essa noção de subordinação se assemelha à visão da Gramática Tradicional, a qual também entende que um mesmo processo de relação dá origem a orações adverbiais e substantivas.

Essa visão tem sido fortemente debatida. Estudiosos afirmam que é preciso distinguir o tipo de relação que se estabelece entre as adverbiais daquele que ocorre com as orações substantivas e adjetivas restritivas. Isso porque se acredita que o tipo de relação que se instaura entre uma oração adverbial e a sua matriz é de natureza diferente da observada em uma construção substantiva, como mostraremos a seguir.

3. Articulação de orações: hipotaxe e encaixamento

Halliday (1985) defende a importância da distinção entre encaixamento e hipotaxe, nome dado pelo autor para as tradicionalmente chamadas orações adverbiais. Conforme Halliday (1985), enquanto hipotaxe codifica relações entre orações, o encaixamento, por sua vez, constitui um mecanismo pelo qual uma oração desempenha uma função na estrutura de uma outra oração.

Na hipotaxe, tem-se a combinação de elementos de categorias diferentes, em que um elemento modifica o outro. Nesse tipo de relação, um elemento é considerado dominante e o outro dependente.

Por outro lado, no encaixamento a oração encaixada preenche a estrutura da oração principal. Esse seria o caso, por exemplo, das orações subjetivas, que atuam como sujeito de outra oração, satisfazendo uma exigência do próprio verbo que constitui a predicação. Daí a afirmação de que ela se relaciona com um elemento da oração principal, contraindo com essa uma relação de constituência.

Tendo em vista a proposta de Halliday (1985) é que pretendemos propor a separação desses tipos de relação também no contexto da GFD.

4. Uma proposta de revisão da articulação de orações na GFD

O objetivo principal deste trabalho é mostrar que as diferenças percebidas por Halliday (1985) nos processos de articulação de orações adverbiais e substantivas devem ser incorporadas ao modelo da GFD, já que implicarão em diferenças no tratamento dessas orações nos níveis de análise.

Assim, neste trabalho, propomos que, para um tratamento mais adequado, as orações encaixadas sejam analisadas no nível estrutural, separadamente, portanto, das orações hipotáticas, analisadas nos níveis interpessoal e representacional.

As orações hipotáticas são tratadas nos níveis interpessoal e representacional na medida em que são usadas para qualificar um ato de fala (operação que se dá no nível

interpessoal), uma proposição ou um estado de coisas (operações ocorridas no nível representacional).

Por outro lado, considerando que Hengeveld e Mackenzie (no prelo) propõem que operações de ordem morfossintática, como a relação entre o verbo e seus argumentos, sejam tratadas no nível estrutural, propomos que as orações encaixadas, isto é, as substantivas e adjetivas restritivas, sejam tratadas nesse nível, já que essas orações se relacionam com a oração principal para cumprir, na estrutura dessa, funções especificadas nesse nível. Essas diferenças podem ser percebidas na representação dos seguintes exemplos:

(6) Todos acreditam que **João ganhou a corrida**.

(7) **Se me permitem dizer** João ganhou a corrida.

A oração em (6) é representada no seguinte esquema:

[todos_{Lex}-PlM_{Suj}] acreditam_{Lex} [[([João_{Lex}-SgM] ganhou_{Lex} [a corrida_{Lex}-SgF])Obj]
que_{Comp}

Vejam que a oração ‘João ganhou a corrida’, cumpre a função de objeto, atendendo a uma exigência do verbo predicador da oração principal ‘Todos acreditam’. Nessa representação, as chaves indicam os espaços (*slots*) exigidos pela semântica do verbo ‘comprar’. Uma relação diferente ocorre em (7), em que a oração se relaciona com um ato de fala, como mostra o esquema:

M1: [(A1: [Se me permitem dizer] (A1)) < (A2: [João ganhou a corrida] (A2))] (M1))

Nesse caso a oração não está preenchendo a estrutura da oração principal, mas se relaciona com essa oração como um todo, criando um quadro de referência dentro do qual é comunicativamente relevante enunciar o por ela veiculado (Dik, 1990).

Considerações finais

Neste trabalho procuramos mostrar que, embora a GF(D) trate as orações subordinadas como oriundas de um mesmo processo de articulação, na verdade as diferenças observadas por Halliday (1985) e que propiciou a separação entre encaixamento e hipotaxe, é relevante também para a análise das orações complexas nos níveis distinguidos pela GFD.

Nesse sentido, propomos que as orações hipotáticas e as encaixadas sejam tratadas em níveis diferentes, considerando a natureza da relação que as ligam às respectivas orações núcleo. Dessa maneira, enquanto as orações adverbiais são tratadas nos níveis interpessoal e representacional, as orações substantivas e adjetivas restritivas serão mais bem analisadas no nível estrutural.

Referências

DIK, S. C. The semantics of conditionals. In: NUYTS, J., BOLKESTEIN, A. M., VET, C. (Eds.) *Layers and Levels of Representation in Language Theory: a functional view*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990, p. 233-261.

- DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Part 2. Berlin: Walter de Gruyter, 1997.
- HENGVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar*. Oxford: Oxford University Press. (no prelo).
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. London: Edward, Arnold Publishers, 1985.
- HENGVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Interpersonal functions, representational categories, and syntactic templates in Functional Discourse Grammar. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. Á. (Eds.). *Studies in Functional Discourse Grammar* (Linguistic Insights). Berne: Peter Lang, 2005.
- HENGVELD, K. . The architecture of a Functional Discourse Grammar. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. Á. (Eds.). *A new architecture for Functional Grammar* (Functional Grammar Series 24), 1-21. Berlin: Mouton de Gruyter, p.1-21, 2004.